

ELISEU

O HOMEM QUE CONCEDEU VIDA

Um dos episódios mais conhecidos da vida de Eliseu é o da mulher que construiu para ele “um quartinho” e foi recompensada com a maternidade. Essa história tão conhecida é uma das favoritas das crianças. Chamaremos esta lição de “O Homem que Concedeu Vida”.

HOSPITALIDADE OFERECIDA (4:8–11)

Eliseu viajou extensamente por Israel. Uma rota muito utilizada (vv. 8, 9) ia de Jezreel, onde ficava o palácio de verão do rei (1 Reis 18:46; 21:1) ao monte Carmelo (2 Reis 4:25), onde Elias enfrentara os profetas de Baal (1 Reis 18). Talvez Eliseu fosse ao monte Carmelo para aliviar-se da pressão de seu ministério público, para descansar e refletir.

A quase cinco quilômetros de Jezreel, na estrada que ia para o monte Carmelo, ficava um povoado chamado Suném (veja Josué 19:18 e o mapa na página 14). Suném ficava no alto das montanhas, “situada entre uma plantação de oliveiras perenes e milharais balançantes”¹. Apenas alguns quilômetros separavam Jezreel de Suném, mas eram mundos distantes no que tange à reverência para com o Senhor. Jezreel era, desde muito tempo, um centro de perversidade da realeza (veja 1 Reis 21; 2 Reis 9:30); mas no povoado de Suném, a chama da fé ainda ardia reluzente nos corações de alguns habitantes.

¹F. W. Krummacher, *Elisha, a Prophet for Our Times* (“Eliseu, um Profeta para os Nossos Tempos”). Grand Rapids, Mich.: Kregel Publications, 1993, p. 59.

Um Exemplo de Hospitalidade

Um dos cidadãos fiéis de Suném é citado no versículo que inicia esta história: “Certo dia, passou Eliseu por Suném, onde se achava uma mulher rica” (2 Reis 4:8a). Não sabemos o nome dessa mulher, mas sabemos que tinha idade para ser mãe e era casada com um homem mais velho² (v. 14) que era fazendeiro (v. 18). O texto também nos diz que ela era “rica”. O termo parece ter mais a ver com riqueza do que posição social³. O mais importante é que ela conservara uma fé forte no Senhor mesmo vivendo numa nação idólatra e iníqua (veja vv. 9, 16; 1 Reis 19:18).

De alguma forma, essa mulher veio a ter contato com Eliseu. Talvez fosse costume de Eliseu pregar nas cidades por onde passava, e a mulher o tenha ouvido. Talvez ela simplesmente tenha reconhecido o profeta numa ocasião em que ele passava pelo povoado; provavelmente ele era uma figura bem conhecida naqueles dias. O fato é que a mulher o viu e convidou-o para comer em sua casa. O texto diz que ela “o constrangeu a comer pão” (2 Reis 4:8b). Ela o “pressionou” (BJ); “insistiu” (NVI); ela o “reteve” (ERC). Ou poderíamos dizer: “Ela não aceitou ‘não’ como resposta”.

Eliseu deve ter aceitado o convite alegremente. A maioria dos pregadores gosta de ser convidada para comer nas casas. Nessa ocasião, Eliseu tinha

²Por que uma mulher jovem estava casada com um homem mais velho? Provavelmente porque se tratava de um casamento arranjado.

³Donald J. Wiseman, *1 and 2 Kings: An Introduction and Commentary* (“1 e 2 Reis: Introdução e Comentário”). Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993, p. 203.

(2 REIS 4:8–17)

um servo chamado Geazi (v. 12), de modo que a refeição na verdade estendeu-se aos *dois* homens.

Na lição passada, Eliseu ajudou uma mulher que não tinha nada; neste estudo, ele fez amizade com uma mulher que era rica. Assim como Deus, ele não fazia “acepção de pessoas” (Atos 10:34). Eliseu esteve igualmente na casa do rico e do pobre, dos poderosos e dos impotentes.

Após a refeição, estando o profeta de saída, a mulher parece ter insistido para que ele comesse na casa dela sempre que passasse por ali. O fim do versículo 8 diz: “Daí, todas as vezes que [Eliseu] passava por lá, entrava para comer”. Quem preparava a comida naquela casa devia ser um bom cozinheiro. Quem não gosta de saborear uma boa comidinha caseira?

A Bíblia não fornece os detalhes das refeições oferecidas pela sunamita, mas não é difícil imaginarmos a conversa que acontecia à mesa. Dá até para ouvirmos Eliseu falando dos emocionantes dias na companhia de Elias—e como Deus estivera com eles. Visualizo a mulher sorrindo e balançando a cabeça. Certamente ela foi fortalecida pela convicção inabalável do profeta e ele foi encorajado por encontrar um abrigo de fé numa nação sem temor a Deus. Como é precioso o tempo que passamos com os que partilham da mesma fé!

Ao lermos a história, percebemos que a mulher era quem assumia a liderança espiritual do seu lar (vv. 8, 9, 25). A Bíblia ensina que o marido ou o pai deve ser o líder espiritual do lar (Efésios 6:4), mas esse não é o caso de muitas famílias. O que uma mulher deve fazer se está sozinha nessa situação? Deve agir como a sunamita: preservando sua própria fé e incentivando o marido a fazer o que é certo (veja 1 Pedro 3:1, 2).

Um dia, a mulher disse ao marido: “Vejo que este que passa sempre por nós é santo homem de Deus” (v. 9). A palavra “santo” significa “separado”. Esta é a única vez no Antigo Testamento em que o termo “santo” é aplicado a um profeta⁴. Infelizmente, alguns que *afirmam* ser “homens de Deus” não são santos. As freqüentes conversas com Eliseu convenceram a mulher de que ele era de fato um homem “separado” para ser um representante especial de Deus.

Ela fez uma proposta ao marido: “Vamos construir um quarto pequeno na parte de cima da casa e vamos pôr ali uma cama, uma mesa, uma cadeira e uma lamparina. E assim, quando ele vier nos visitar,

poderá ficar lá” (v. 10; NTLH). Ela queria construir um quartinho para o profeta no telhado plano da casa. Ele teria móveis simples—como é próprio do estilo de vida abnegado dos profetas—mas seria um aposento exclusivamente dele. Seria um refúgio do mundo agitado. (É mencionada mobília para apenas uma pessoa, mas obviamente seria providenciando o necessário também para o servo de Eliseu, Geazi [vv. 11, 12].)

Não sabemos como o marido respondeu. Ele respondeu com entusiasmo, ou só concordou com a proposta para agradar a jovem esposa? Pelo menos ele consentiu—e o quarto foi construído. Apesar da simplicidade do aposento, certamente a mulher verificou se tudo estava no devido lugar. Podemos imaginar o sorriso no rosto dela ao mostrar o quarto a Eliseu pela primeira vez, e dizer que aquilo era dele. Sem dúvida, Eliseu ficou satisfeito. Sempre que ele estivesse por perto, teria um lugar onde parar e descansar (v. 11). O ato generoso da sunamita tem inspirado centenas, senão milhares, a providenciarem “quartos de profetas” em suas casas: quartos exclusivos para hospedar pregadores e missionários visitantes.

Estímulo à Hospitalidade

Existe um adjetivo a que descreve bem essa mulher: *hospitaleira*. As palavras “hospitaleiro” e “hospitalidade” vêm do latim *hospes*, que significa “convidado”. “Hospitalidade” refere-se ao ato de tratar os outros calorosa e generosamente—em outras palavras, como “convidados” especiais. A hospitalidade é um tema vital tanto no Antigo como no Novo Testamento. Uma das qualificações dos presbíteros é que seja hospitaleiro (1 Timóteo 3:2; Tito 1:8). Pedro disse: “Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração” (1 Pedro 4:9).

O escritor da Epístola aos Hebreus disse: “Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos” (Hebreus 13:2). A referência provavelmente é à hospitalidade de Abraão para com os anjos em Gênesis 18 (vv. 1–8, 16, 22; veja 19:1). Será que ainda é possível acolhermos anjos “sem o saber”? Hebreus 13:2 não diz isto; o versículo se refere ao que aconteceu tempos atrás. Há pouco proveito na especulação sobre isto ser ou não possível hoje em dia—ainda que fosse, jamais saberíamos! A idéia principal da passagem é que devemos tratar todo estrangeiro *como se* ele viesse diretamente do Senhor (veja Mateus 25:35, 38, 40)!

Se você cresceu num lar hospitaleiro, que lembranças preciosas você deve ter! Talvez você se lembre de ouvir seu pai dizer: “Sempre tem lugar para

⁴J. Robert Vannoy, notas sobre 2 Reis, *Bíblia de Estudo NVI*. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 587.

mais um!” Talvez você se lembre de uma mãe com os olhos arregalados ao ficar sabendo que teriam um visitante para o jantar. Uma lembrança especial para alguns pode ser as ocasiões em que um pregador ou membros de uma campanha evangelística foram hospedados na sua casa. Muitos irmãos e irmãs em Cristo já revelaram que sua fé individual teve início quando ouviram seus pais conversando com pregadores sobre Deus e Sua Palavra em volta de uma mesa de jantar.

Talvez alguns estejam relutantes, pensando: “Mas a minha casa não é grande nem bonita o bastante para receber pessoas”, ou: “Eu teria vergonha de oferecer aos outros o que nós comemos”. Vejamos quais pensamentos devem estar por trás da verdadeira hospitalidade e quais não devem⁵:

- A hospitalidade diz: “O que eu tenho, seja muito ou pouco, é um presente de Deus. Quero usá-lo para Ele” e não: “Quero impressionar você com o que eu tenho”.
- A hospitalidade sussurra: “O que é meu é seu. Use-o”, em vez de gritar: “Isto é meu! Veja!”
- A hospitalidade procura servir em vez de buscar elogios.
- A hospitalidade faz um visitante sentir-se em casa, enquanto o “entretenimento” mundano pode fazer o convidado sentir-se constrangido.

Não é tanto o presente que está na mão que importa, mas a generosidade que está no coração. Jesus disse que “quem der a beber, ainda que seja um copo de água fria”, “por ser este meu discípulo”, “de modo algum perderá o seu galardão” (Mateus 10:42). Que Deus nos ajude a cultivar a arte da hospitalidade.

A HOSPITALIDADE RECOMPENSADA (4:11–17)

A Gratidão em Palavras

Um dia, Eliseu estava descansando em seu “quarto” (v. 11), desfrutando a hospitalidade que lhe fora oferecida, quando decidiu achar um meio de expressar sua gratidão. Jesus disse: “Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o ga-

⁵ Adaptado de um artigo de Karen Maines, citado em Robert J. Morgan, *Nelson’s Complete Book of Stories, Illustrations, & Quotes* (“O Livro Completo Nelson de Histórias, Ilustrações e Citações”). Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2000, p. 452.

lardão de profeta” (Mateus 10:41a). Eliseu decidiu que estava na hora daquela mulher receber o seu “galardão de profeta”.

“Então, disse ao seu moço Geazi: Chama esta sunamita” (2 Reis 4:12a). Esta é a primeira vez que vemos a respeito de Geazi. Ele serviu Eliseu de uma forma semelhante à que Eliseu serviu Elias—mas que diferença havia no caráter dos dois servos! Veremos mais sobre isto posteriormente.

Geazi levou a mulher até Eliseu e “ela se pôs diante do profeta” (v. 12b). Eliseu, todavia, não falou com ela, e sim com Geazi: “Dize-lhe: Eis que tu nos tens tratado com muita abnegação; que se há de fazer por ti?” (v. 13a). Não sabemos por que Eliseu não falou diretamente com ela. (Mais tarde ele fez isto; veja vv. 15 e 16.) Muitos escritores acreditam que o motivo era o fato de Eliseu estar no quarto dele e certas convenções sociais terem de ser observadas⁶.

Não sei como eram os costumes daquela época, mas sei que um servo de Deus não pode ser excessivamente cuidadoso ao relacionar-se com o sexo oposto. Quando um pregador, professor ou conselheiro precisa falar a sós com uma mulher, em seu gabinete ou numa sala especial, convém que ele deixe a porta aberta. Um homem cristão nunca deve visitar ou marcar um estudo na casa de uma mulher sozinho; se ele for casado, deve levar a esposa também. Inconveniências desse gênero já arruinaram mais pregadores do que qualquer outro lapso moral.

Voltemos às palavras de Eliseu para a mulher: “Eis que tu nos tens tratado com muita abnegação; que se há de fazer por ti?” (v. 13a). A palavra traduzida por “abnegação” pode significar “apreensão”⁷. A NVI diz: “Você teve todo esse trabalho por nossa causa”. Outra possível tradução seria: “Tu tens demonstrado para conosco tanta hospitalidade! O que eu posso fazer para demonstrar minha gratidão?”

⁶ C. F. Keil e F. Delitzsch, “1 and 2 Kings”, *Commentary on the Old Testament*, vol. 3, *1 and 2 Kings, 1 and 2 Chronicles, Ezra, Nehemiah, Esther* (“Comentário do Antigo Testamento”, vol. 3, “1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester”). Peabody, Mass.: Hendricksen Publishers, 1989, p. 310; G. Rawlinson, “2 Kings”, *The Pulpit Commentary*, vol. 5, *1 & 2 Kings* [“Comentário de Púlpito”, vol. 5, “1 e 2 Reis”], ed. H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950, p. 65; James Burton Coffman e Thelma B. Coffman, *Commentary on Second Kings* (“Comentário sobre 2 Reis”). James Burton Coffman Commentaries, The Historical Books, vol. 6. Abilene, Tex.: A.C.U. Press, 1992, p. 50.

⁷ Rawlinson, p. 65.

Muitos de nós precisamos desenvolver mais a virtude da hospitalidade; todos nós precisamos ser mais *agradecidos*. Paulo escreveu: “Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração... e sede agradecidos” (Colossenses 3:15). O escritor do Livro de Hebreus disse: “Por isso sejamos agradecidos, pois já recebemos um Reino que não pode ser abalado” (Hebreus 12:28a; NTLH). Quando Paulo descreveu os homens maus, ele incluiu a falta dessa característica: “pois os homens serão... ingratos...” (2 Timóteo 3:2).

C. E. Macartney escreveu que “o pecado mais comum é o da ingratidão”⁸. Outro escritor escreveu cinicamente: “Se quiser achar gratidão, procure-a num dicionário”⁹. Uma criança aprende a contar até cem; nós precisamos aprender a contar as bênçãos.

Se pararmos para pensar seriamente no assunto, descobriremos que sempre há coisas pelo que podemos agradecer. São várias as histórias que ilustram isto. Uma delas fala de um homem que orou num domingo terrivelmente chuvoso: “Obrigado, Senhor, por que nem sempre é assim”¹⁰. Outra história interessante é a que foi vivenciada por Matthew Henry, quando foi abordado e assaltado por ladrões. Ele escreveu estas palavras em seu diário:

Deixe-me agradecer primeiramente porque eu nunca tinha sido roubado antes; em segundo lugar, [porque] embora tenham me tirado a carteira, eles não me tiraram a vida; em terceiro lugar, porque embora tenham levado tudo, não foi muito; e em quarto lugar, porque eu é que fui roubado, e não era eu que estava roubando outra pessoa.¹¹

Outra história é sobre uma mulher avançada em idade, que orou: “Obrigado, Senhor, por meus dois dentes perfeitamente bons, um na mandíbula superior e outro, na inferior, porque eles se encaixam bem para que eu mastigue a comida”¹².

Eliseu estava agradecido pelo que a sunamita fez por ele. Nós devemos ser agradecidos pelo que outras pessoas fazem por nós e não devemos ignorar esses favores. Pierre Charron escreveu: “Quem recebe uma boa ação nunca deve se esquecer disso; quem comete uma boa ação jamais deve se lembrar

disso”¹³. Também devemos ser agradecidos ao nosso Deus do qual procedem todas as bênçãos (Tiago 1:17). Na lápide do túmulo do marido, uma senhora montanhesa mandou esculpir este epitáfio em letras tortas e irregulares: “Ele sempre agradecia”¹⁴. Não seria maravilhoso se dissessem o mesmo a respeito de cada um de nós?

A Gratidão em Ações

Após expressar verbalmente sua gratidão, Eliseu perguntou à mulher o que ele poderia fazer por ela. Ele não queira simplesmente mencionar as palavras “obrigado”; queria também *mostrar* como estava agradecido. Disse ele: “...que se há de fazer por ti? Haverá alguma coisa de que se fale a teu favor ao rei ou ao comandante do exército?” (2 Reis 4:13b). O rei e o capitão (comandante) do exército eram os dois homens mais poderosos da nação de Israel. O profeta salvara as vidas desses homens (2 Reis 3); por isso tinham uma dívida de gratidão com ele e certamente não se recusariam a atender qualquer pedido razoável. Eliseu poderia conversar com o rei para providenciar um lugar na corte para a mulher e o marido—ou conceder-lhes uma série de favores da realeza (incluindo a isenção de impostos¹⁵). Ele também poderia pedir que o capitão do exército reforçasse os direitos legais do casal.

O que você faria se alguém lhe fizesse esse tipo de oferta—alguém que tivesse influência sobre os homens mais poderosos do seu país? Qual seria a sua resposta? O que você pediria? Agora, compare a sua resposta com a resposta da mulher. Ela disse: “Habito no meio do meu povo” (2 Reis 4:13c). Ela usou uma linguagem “abreviada” para responder. Poderíamos ampliar a resposta assim: “Sou feliz por viver como eu vivo, entre o meu povo”. Em outras palavras: “Não preciso de nenhum favor da realeza ou dos militares. Prefiro minha casa em Suném ao palácio do rei. Não tenho nenhum problema com meus familiares, nem com meus amigos e vizinhos. Sou feliz por viver aqui mesmo!” Provavelmente ela também estava dizendo por implicação: “Não fiz isto para ser recompensada. Só o fato de poder ajudar o seu ministério já é uma recompensa em si mesmo”. A Bíblia Viva parafraseia dizendo: “Mas a mulher respondeu que tudo estava bem com ela”.

Temos de fazer uma pausa aqui para admirar um detalhe. Além de hospitaleira, aquela mulher

⁸Citado em Paul Lee Tan, *Encyclopedia of 7,700 Illustrations: Signs of the Times*. Rockville, Md.: Assurance Publishers, 1979, p. 1461.

⁹Ibid.

¹⁰Ibid., p. 1456.

¹¹Citado em James S. Hewitt, ed. *Illustrations Unlimited* (“Ilustrações Ilimitadas”). Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1988, p. 264.

¹²Ibid., p. 263.

¹³Citado em Herbert V. Prochnow, *1400 Ideas for Speakers and Toastmasters* (“1400 Idéias para Palestrantes e Apresentadores”). Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 1994, p. 114.

¹⁴Hewitt, p. 264.

¹⁵Wiseman, p. 204.

também tinha um coração *satisfeito*, contente! Ela merecia um monumento com as seguintes palavras gravadas no pedestal: “Uma Mulher Cheia de Contentamento!” A Bíblia ordena: “Contentai-vos com as coisas que tendes” (Hebreus 13:5; veja Filipenses 4:11; 1 Timóteo 6:8); mas poucos de nós conquistam esse objetivo. Para cada coração contente, há inúmeros corações impacientes que desconhecem o contentamento. Talvez o exemplo da sunamita nos inspire a estar contentes com o que temos.

Após a breve resposta da mulher, tudo indica que ela se retirou. Se um de nós estivesse no lugar de Eliseu, talvez daria de os ombros, comentando: “Ora, eu tentei!”, e apagaria essa idéia da mente. Mas o profeta estava determinado a fazer *alguma coisa* para expressar sua gratidão. Ele pediu uma sugestão ao servo Geazi: “Que se há de fazer por ela?” (2 Reis 4:14a).

“Geazi respondeu: Ora, ela não tem filho, e seu marido é velho” (v. 14b). Naqueles dias, ser estéril era considerado uma maldição (veja 1 Samuel 1:6, 7). Hoje, não ter filhos é lamentável; naquele tempo, era uma tragédia. Robert Vannoy observou o que significava não ter filhos:

...o nome da família não seria perpetuado e suas terras e bens passariam para outras pessoas. Também representava uma grande ameaça para o futuro dessa mulher enfrentar a probabilidade de muitos anos de viuvez sem nenhum provedor nem protetor—os filhos eram o único seguro social de uma viúva...¹⁶

Por que Eliseu não pensou sozinho a respeito desse assunto? Para muitos de nós às vezes é útil conversar com outras pessoas mais seriamente sobre determinados assuntos. Isto pode resultar em boas idéias (talvez até idéias “óbvias”) que não nos ocorreram antes.

Eliseu gostou do que Geazi disse. Já que não poderia “favorecer” a mulher junto à corte da terra, ele poderia favorecê-la junto à corte celestial¹⁷. Ele mandou o servo chamar a mulher novamente (2 Reis 4:15a). Ao chegar, “ela se pôs à porta” (v. 15b), ainda tomando toda precaução para não causar reprovação ao servo de Deus.

Desta vez, Eliseu falou diretamente com a mulher. “Disse-lhe o profeta: Por este tempo, daqui a um ano, abraçarás um filho” (v. 16a). A NVI diz:

“Por volta desta época, no ano que vem, você estará com um filho nos braços”.

A mulher ficou sobressaltada. Ela disse: “Não, meu senhor, homem de Deus, não mintas à tua serva” (v. 16a). Mais tarde, ela parafrasearia essa resposta com as seguintes palavras: “Pedi eu a meu senhor algum filho? Não disse eu: Não me enganes?” (v. 28). Ela não estava contestando a honestidade de Eliseu; só sentia que a notícia, como diríamos nós, “era boa demais para ser verdade”. No versículo 28 a NVI tem: “Não te disse para não me dar falsas esperanças?” A mulher dera a entender que não precisava de nada—que sua vida estava completa—mas a reação emotiva revelava o quanto ela desejava ter um filho, e também sinalizava que ela perdera as esperanças—provavelmente muito tempo atrás. Poderíamos parafrasear a reação dela desta maneira: “Não me atormente com a promessa de uma coisa que nunca vai acontecer!” Isto nos remete à reação de Sara quando os anjos disseram a Abraão que ela teria um filho já tendo ultrapassado a idade de fertilidade (Gênesis 18:10–12).

Falando de Sara, a sunamita era descendente dessa nobre ancestral e deveria ter se lembrado de que nada é “para o Senhor... demasiadamente difícil” (Gênesis 18:14). Não seria a primeira vez que Deus interviria e tornaria uma mulher estéril apta para engravidar—nem seria a última vez (Gênesis 18:1–15; Juízes 13:2–24; 1 Samuel 1:1–20; Lucas 1:5–25, 57–66).

O Senhor não decepcionou a mulher. Ela “concebeu... e deu à luz um filho, no tempo determinado, quando fez um ano, segundo Eliseu lhe dissera” (2 Reis 4:17). Você tem filhos ou netos? Já ficou observando um bebê ou uma criança pequena? Então, pode facilmente imaginar a seqüência dos fatos:

- A alegria da mulher quando descobriu que estava grávida, sua felicidade abundante ao sentir pela primeira vez o bebê se mexendo em seu útero.
- Após o nascimento, a mãe olhando para baixo, com o semblante maravilhado, vendo o filho recém-nascido em seus braços—e depois olhando para cima para agradecer a Deus por aquela dádiva.
- Da próxima vez que Eliseu passou pela região, a mãe lhe mostrando o bebê.
- Nas sucessivas visitas, a mãe orgulhosamente contando a Eliseu sobre o primeiro dentinho, a primeira palavra, o primeiro passo—enquanto o bebê brincava alegremente aos pés deles.

¹⁶Vannoy, p. 529.

¹⁷Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible* (“Comentário sobre toda a Bíblia”), ed. Leslie F. Church. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1961, p. 404.

Será que a criancinha chegou a se sentar no colo de Eliseu enquanto o profeta lhe contava antigas histórias sobre os grandes homens de Deus? Pelo menos, podemos estar certos de que ver aquela mulher generosa tão feliz fez Eliseu sorrir. A verdadeira alegria consiste em levar alegria a outras pessoas.

CONCLUSÃO

Continuaremos a história na próxima lição. Neste estudo, enfatizamos uma série de verdades pertinentes, dentre as quais as duas mais importantes são: a necessidade de sermos hospitaleiros e de sermos agradecidos. Que todos tenhamos sido estimulados a praticar a hospitalidade e a expressar nossa gratidão, tanto para Deus como para o nosso próximo.

Ao encerrarmos, vamos extrair uma última mensagem do texto bíblico que estudamos. A mulher sunamita achou difícil crer na promessa de Eliseu de que ela teria um filho. Todavia, essa promessa se cumpriu exatamente como o profeta disse que aconteceria. Deus fez promessas maravilhosas para nós na Bíblia:

- Se crermos em Seu Filho e recebermos o batismo, todos os nossos pecados passados serão lavados e apagados (Marcos 16:16; Atos 22:16).
- Se confiarmos e obedecermos, Ele estará conosco e jamais nos abandonará (Mateus 28:19, 20; Hebreus 13:5).
- Se vivermos fielmente, confiando na Sua misericórdia e não em nós mesmos (Efésios 2:4), Ele nos levará para casa para vivermos com Ele por toda a eternidade no céu, onde não haverá mais lágrimas nem dor (veja Apocalipse 2:10; 21:3, 4).

Alguns, o exemplo da sunamita, acham as promessas de Deus “boas demais para serem verdadeiras”. Creia que o Senhor cumprirá Suas promessas para você e eu tão certo quanto Ele cumpriu Sua promessa a essa bondosa mulher tantos séculos atrás. Você pode confiar sua vida—e sua eternidade—a Ele. Está pronto e disposto a aceitar as promessas de Deus? Então, venha a Cristo hoje mesmo!

.....

NOTAS PARA PROFESSORES E PREGADORES

Ao usar este sermão, talvez você também queira incluir um convite ou apelo aos cristãos infiéis a fim de que voltem para o Senhor: “Alguns filhos de Deus estão com a vida tão desajustada espiritualmente, que acham difícil crer que Deus irá perdô-los, que o povo de Deus irá recebê-los de volta e que podem começar tudo de novo. Creiam nisto! As promessas de Deus são confiáveis! Voltem hoje mesmo para o caminho de Deus [Atos 8:22; Tiago 5:16; 1 João 1:9]”.

.....

PENSAMENTOS SOBRE HOSPITALIDADE

“A hospitalidade é uma bênção dupla—ela abençoa quem a dá e quem a recebe.”

“A hospitalidade que decidimos demonstrar amanhã a ninguém beneficia hoje.”

“A hospitalidade não deve ter outra natureza que não seja o amor.”

Henrietta C. Mears

Autor: David Roper
©Copyright 2007 by A Verdade Para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS